

# INTERLOCUÇÕES - ESPAÇO POTENCIAL WINNICOTT

**08 de Outubro de 2014**

## **A importância do “placement\*”**

*“Estar verdadeiramente presente, ter coragem de ouvir e tornar a criança um participante ativo – uma maneira diferente de conduzir um trabalho de proteção à criança”*

*Annika Vallin e Petri Syrjätie*

No Interlocuções de outubro, tivemos a participação dos convidados Annika Vallin e Petri Syrjätie, coordenadores do Instituto AATULA e KOMPASSI da Finlândia, que trabalham com “*placement*” e abrigamento de menores de maneira humanizada e criativa. Eles compartilharam conosco as suas experiências com crianças, adolescentes e famílias em situações de risco emocional e social.

Os comentários para este encontro foram de Afrânio de Matos Ferreira, que articulou esta experiência com a teoria de D. W. Winnicott, especialmente em relação ao conceito de “*placement*”. Contamos com a coordenação de Irmgard Birmoser de Matos Ferreira, além da tradução de Luciana S. P. Cerdeira.

Faremos a seguir um breve relato do rico encontro que despertou importantes reflexões, principalmente no que diz respeito à possibilidade da criança e do adolescente terem um ambiente que não interrompa a sua continuidade de ser – ou seja, um ambiente onde não haja situações de risco como violência familiar, problemas de abuso de álcool e outras drogas por um familiar ou pela própria criança ou adolescente, dentre outras.

Afrânio de Matos Ferreira esteve no Instituto Kompassi, na Finlândia, em 2013 em um momento em que estava muito preocupado com um paciente que despertava cuidados especiais, onde um trabalho de *placement* seria necessário em função da precariedade dos seus vínculos familiares e do ambiente caótico em que vivia. Diferente da hospitalização, que oferece proteção ao paciente, a família e a sociedade em momentos disruptivos, o *placement* é uma forma de tratamento de promoção pessoal e social, onde o sujeito encontra um novo ambiente que responde às suas necessidades de forma ética e acolhedora.

Quando falamos em *placement* logo pensamos em Claire Winnicott, Bowlby e D. W. Winnicott. Na época da guerra eles se depararam com crianças que foram abrigadas em função da perda dos pais ou por outras questões relativas à guerra propriamente dita. Carentes dos cuidados de um adulto de referência, viviam em ambientes precários e apresentavam sintomas de depressão e problemas anti-sociais. Através do estudo do comportamento anti-social, estes autores compreenderam que estas crianças pediam socorro e um novo acolhimento, deduzindo que as suas questões iam para além da tristeza. Frente a este cenário, Winnicott desenvolveu o conceito de deprivação, onde a criança teve um bom início na vida, foi cuidada e amada num ambiente suficientemente bom, porém, perdeu estes cuidados e está procurando reencontrá-los. Winnicott destacou que um trabalho de *placement* para estas crianças seria fundamental, lembrando que é um processo com características e cuidados específicos.

Para Winnicott a criança deprivada ao experienciar o *placement* passa, em geral, por três fases. Na primeira há a aceitação do ambiente e a esperança de que a entendam. Numa segunda fase ela reage, testa o ambiente para verificar se, de fato, as pessoas estão dispostas a cuidar dela e certificar-se de que este cuidado não é temporário. Na terceira fase a criança começa a viver e confiar no lugar, porém, é importante ressaltar que é um processo lento e de altos e baixos.

O perfil do cuidador que realiza o trabalho de *placement* deve, também, ser levado em consideração, pois algumas características são necessárias

como serem pessoas criativas, sensíveis, empáticas e responsáveis. Já o manejo necessita ser firme, solidário e acolhedor, possibilitando que a criança expresse seus afetos, suas dores e sua agressividade, para que possa recobrar a confiança e esperança em si e nos outros.

Os relatos de Annika e Petri deixaram claro que o trabalho realizado no Instituto Kompassi e Aatula está de acordo com o conceito de *placement* como foi pensado por Winnicott.

Annika Vallin é enfermeira psiquiátrica, terapeuta avançada de família com foco no trabalho de crise e trauma, coordenadora do serviço Kompassi e diretora executiva do Instituto Luotsimaja Oy, na Finlândia. Petri Syrjätie é bacharel em serviço social, educador de família, coordenador da unidade de Lar Substituto Aatula, do Instituto Luotsimaja Oy, e instrutor pessoal das crianças.

O Instituto Luotsimaja Oy é uma empresa de serviço social focada em lares substitutos e cuidados não institucionalizados na área de proteção à criança. Iniciou suas operações em Pori, em 2006, e em 2009 expandiu seu trabalho por meio do serviço Kompassi (Compass).

O trabalho do Instituto Luotsimaja Oy inicia-se com o serviço comunitário, de forma preventiva, no Kompassi e, caso a família não responda bem e o atendimento comunitário se mostre insuficiente, a criança ou o adolescente é encaminhada/o para o lar substituto Aatula ou para lares oferecidos por famílias que fazem parte do programa e recebem o respaldo da instituição.

O lar Aatula é um lar substituto formado por um grupo pequeno de crianças. Oferece abrigo para sete crianças de 5 a 18 anos e tem como objetivo possibilitar um ambiente seguro, com limites e fronteiras claras para dar suporte ao crescimento destas últimas. Tem sete suítes para as crianças, uma cozinha aconchegante, estrutura para as refeições, sala de estar, sauna, lareira, escritórios e um jardim. As crianças ficam livres para ir e vir e a cozinha tem uma entrada própria, fornecendo uma plataforma para os adolescentes começarem a praticar uma moradia independente, sempre sob os cuidados de

um adulto, antes de alcançarem a maturidade. Dentro do lar Aatula há também uma escola “em domicílio”, destinada às crianças que ainda não adquiriram recursos emocionais suficientes para frequentarem um ambiente social como a escola.

Cada criança tem seu instrutor pessoal, com o qual tem sessões periódicas. O propósito destas sessões é trabalhar a relação da criança com um adulto significativo e refletir sobre as situações de vida e desafios enfrentados por ela, dentro de uma relação que lhe oferece segurança. O instrutor pessoal cuida do contato semanal com a família da criança e faz visitas periódicas à sua casa, possibilitando uma boa e próxima colaboração dos pais da criança.

No Aatula as mesmas regras e regulamentos se aplicam às crianças e aos adultos. Os profissionais entendem que um tratamento mais igualitário no que diz respeito às crianças e adultos se faz necessário. As primeiras participam das discussões sobre elas mesmas e a opinião que tem é levada em consideração. No Aatula as atividades como cozinhar, acampar, fazer esportes ou assistir televisão são fundamentalmente feitas junto com os adultos.

O Aatula está localizado no subúrbio de Pori Vähärauma, a 3 km do centro de Pori. Esta localização central e sossegada é próxima de outros serviços, escolas e atividades recreacionais diversas.

Em sua apresentação, Petri ressalta, citando Winnicott, que a mãe é o primeiro ambiente importante de crescimento e *holding* da criança. E como tal ou possibilita ou sabota o desenvolvimento natural da criança. Para as crianças que vivem no Aatula é muito comum que o primeiro ambiente de crescimento tenha sabotado seu desenvolvimento natural. Isto se manifesta na incapacidade da criança em realizar tarefas simples do dia a dia, como as relacionadas à higiene pessoal, organização de horários e atividades, e hábitos alimentares. As crianças normalmente tem muita dificuldade em aceitar regras e estão, frequentemente, muito agitadas. No início, não conseguem ter conversas positivas um a um com os adultos, pois só os seus interesses estão em primeiro plano.

Petri destaca que dois tipos de privação precoce podem levar ao comportamento delinquente. A ausência crônica do ambiente nos estágios iniciais de crescimento gera um desenvolvimento “distorcido” e um trauma e/ou abuso em algum estágio posterior pode levar ao roubo. Nesse caso, a criança pega para si o que ela entende que já deveria pertencer a ela. Inicialmente, quando as crianças do Aatula são descobertas roubando elas não percebem que fizeram algo errado. Elas pensam que a única falha foi o fato de terem sido pegas. O roubo é comum especialmente nos estágios iniciais da realocação no abrigo. Quando este acontece é discutida com as crianças a ideia de que pegar pra si algo que é de propriedade de outra pessoa é errado e, também, são analisados que tipos de sentimentos podem ser suscitados na pessoa que foi roubada. Conforme o processo continua o roubo, normalmente, diminui.

Petri afirma que se tirarmos uma criança de um lar destruído e a levarmos para o nosso próprio lar e a amarmos a esperança ressurgue e traz junto o comportamento difícil. Este tipo de criança testa seu ambiente, conforme destaca Winnicott. Ela não pode acreditar que é amada, ao menos que seja primeiro odiada. Se alguém negligenciar seu lado cheio de ódio (não respondendo a ele), sua capacidade de ser amada não é real para ela. Isto aparece muito claramente no início da realocação no abrigo. O comportamento da criança pode ser agressivo até em situações onde não se esperaria, por exemplo, quando ela está se divertindo. É preciso trabalhar insistentemente para ganhar a confiança da criança e as promessas precisam ser mantidas. Decepções e adversidades podem destruir a confiança já construída. A relação da criança com seu instrutor pessoal é de profunda importância neste processo. Procura-se, portanto, manter o mesmo instrutor pessoal durante todo o período de abrigamento para evitar trazer à criança uma nova experiência de abandono.

Em paralelo ao abrigamento é oferecido o serviço de terapia familiar do Kompassi, o que reduz o período no lar substituto e o torna mais eficiente. O serviço Kompassi é um trabalho preventivo, reabilitador e reparador feito no lar da família, buscando evitar intervenções custosas e traumatizantes.

O objetivo, segundo Annika, é o de capacitar e habilitar os membros da família a serem participantes ativos de sua própria situação de vida, desafiando-os a descobrir seus próprios recursos e os pontos de paralisação de cada um, ajudando-os, assim, a formular uma direção comum para todos. O processo tem como objetivo desenvolver a família para que possa gerenciar sua vida diária com melhor qualidade.

Annika destaca que este trabalho é conduzido levando em consideração as circunstâncias e as necessidades únicas de cada família. Os encontros são realizados na casa da família, nas horas apropriadas para a mesma. Na terapia de família é muito importante identificar e levar em consideração o contexto social e os valores predominantes nos quais as famílias e as crianças estão inseridas e os quais, de uma maneira ou de outra, as condiciona. Os profissionais do serviço social e da saúde ajudam as famílias a identificar, nomear e mudar os fatores que põem em perigo o bem estar delas.

Annika relata que as crianças e adolescentes chegam à terapia familiar por meio dos serviços de proteção à criança ou dos serviços de psiquiatria.

Os problemas identificados usualmente são:

- abuso de drogas
- crimes
- abuso e violência doméstica
- ausência dos pais
- problemas graves na interação familiar
- comportamentos auto-destrutivos

Annika e Petri compartilharam, também, dois casos de crianças abrigadas no Instituto Aatula. Pudemos sentir, por meio dos relatos, a presença viva e cuidadosa de ambos, sempre oferecendo cuidado contínuo e demonstrando que, realmente, se importam com as crianças e suas famílias. Também, vimos como eles realizam o trabalho a que se propõem com muita

sensibilidade, dedicação e comprometimento ímpar, oferecendo um ambiente confiável e consistente, que olha e escuta cada criança em sua singularidade.

## **Interloquções**

### **Comissão Organizadora**

Ana Luisa L. Cordeiro, Angela May, Fernanda Cristina G. Salomão, Lilian Finkelstein, Luciana S. P. Cerdeira, Magaly Miranda Marconato Callia, Mônica Lazzarini F. Valente.

O Interloquções foi criado a partir do Espaço Potencial Winnicott, inserido no Depto. de Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae. Tem como objetivo aprofundar os estudos na obra de Winnicott. Profissionais envolvidos com o pensamento do autor, o tema da criança e o ambiente ético que favorece o seu desenvolvimento emocional são convidados a compartilhar as suas experiências, apresentando seus trabalhos e conversando com o público sobre eles. Os encontros acontecem nas últimas quartas-feiras de abril, junho, agosto e outubro das 12h às 14h.

Contato: Angela May – [angelamay@uol.com.br](mailto:angelamay@uol.com.br) e Mônica Valente – [molfvalente@uol.com.br](mailto:molfvalente@uol.com.br)